

**COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INFORMAÇÃO E INOVAÇÃO  
(CCTII)**

**07.06.2023**

\* \* \*

- Abre a reunião o Sr. Mauro Bragato.

\* \* \*

**O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB** - Declaro aberta a segunda reunião ordinária da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação e Informação da 1ª Sessão Legislativa da 20ª Legislatura.

Registro com prazer a presença dos senhores deputados Bruno Zambelli, Beth Sahnão, Professora Bebel, Milton Leite Filho e Rogério Santos; Guilherme Cortez, que representa aqui a deputada Marina Helou; e o nosso amigo aqui, o vice-presidente Leonardo Siqueira.

Queria dizer a todos que nós vamos suspender a sessão por dez minutos e esperar a presença do reitor. Está presente a deputada Fabiana Barroso também entre nós.

**A SRA. FABIANA BARROSO - PL** - Obrigada, presidente.

**O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB** - A reunião foi agendada com o reitor, o Dr. Pasqual Barretti, para explanar sobre o andamento da gestão e desenvolvimento das ações, programas e metas nos termos do art. 52-A da Constituição do Estado de São Paulo. Nós vamos esperá-lo, ele vai fazer a preleção, vai abrir a palavra para todos.

Deputada Bebel, o presidente da Assembleia respondeu ao deputado Jorge Wilson, nosso líder do governo, sobre uma questão de ordem. Uma reunião como essa que foi feita ontem, nós teríamos que fazer em conjunto com a educação. A próxima vai ser com a USP, aí a gente vai combinar. Está acertada para dia 21.

**A SRA. PROFESSORA BEBEL - PT** - Então, vamos fazer o seguinte: a semana que vem - com licença, presidente -, semana que vem nós vamos ter a reunião da

Comissão de Educação e Cultura; eu já aprovo um requerimento para unificar as reuniões. A data a gente combina depois, e o horário para a gente fazer conjuntamente. Obrigada, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB** - Obrigado a você. Vamos esperar um pouquinho, pessoal. o reitor vai trazer uns quitutes de Assis. Nós estamos com o diretor da unidade de Assis da Unesp, o professor Darío Abel Palmieri. Tem mais alguém aqui, algum diretor a mais da Unesp? Não? Estão suspensos os trabalhos até a chegada do nosso amigo reitor.

\* \* \*

- Suspensa, a reunião é reaberta sob a Presidência do Sr. Mauro Bragato.

\* \* \*

**O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB** - Reaberta a sessão, eu queria solicitar a leitura da Ata. O deputado tem a palavra.

**O SR.** - Lógico, Sr. Presidente. Abertura da Ata da sessão anterior.

**O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB** - O pedido é regimental. Havendo acordo, está suspensa a leitura e aprovada a Ata. Vamos, então, passar a palavra para o nosso reitor, o dr. Pasqual, que vem aqui fazer uma exposição, nos termos do Art. 52-A da Constituição do Estado, que o senhor conhece - uma apresentação do teu trabalho...

**O SR. PASQUAL BARRETI** - Eu queria saber se posso fazer uma apresentação.

**O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB** - Pode, pode. O senhor está com a palavra, Sr. Reitor. O senhor quer ajuda?

**O SR. PASQUAL BARRETTI** - Eu já deixei com ela ali. Bom dia para todos os senhores. É um prazer enorme estar aqui na comissão, falar da nossa universidade.

A Unesp, como todos vocês conhecem, é uma universidade que foi implantada como universidade em 1976. Ela reúne 34 unidades universitárias, três unidades administrativas. Ela completa esse ano 47 anos de existência. É uma universidade considerada jovem.

Ela iniciou reunindo um conjunto de quatorze unidades universitárias, distribuídas em onze cidades dentro do estado de São Paulo, em 1976, e hoje ela está espalhada em 24 cidades, em um conjunto de 34 unidades universitárias. A universidade tem, entre professores e servidores técnico-administrativos, cerca de oito mil trabalhadores. Nisso nós não estamos incluindo os inativos, que são em torno de seis mil.

Nós temos um total de mais de cinquenta mil alunos - cerca de 70% deles distribuídos nos cursos de graduação e 30% nos cursos de pós-graduação. Fazemos parte do sistema de autonomia orçamentária e financeira definido por decreto em 1989. Então, nós trabalhamos com 2,3447% da arrecadação do ICMS; dentro disso estão todas as atividades da universidade - custeio, investimento, contratação e pagamento de folha de inativos.

A história desse recurso tem mostrado o acerto que foi esse tipo de autonomia. A universidade passou por diversas crises e conseguiu sair dessas crises sem que houvesse suplementação orçamentária e financeira por parte do estado e, mesmo sendo uma universidade bastante jovem, ela vem, a cada ano que passa, assumindo melhores posições nos rankings acadêmicos nacionais e internacionais.

Bom, havia muita coisa na apresentação, eu posso deixar para detalhar durante a mesma. Enquanto isso, a gente pode dizer que a Unesp está em todas as áreas do conhecimento. Ela tem 139 cursos de pós-graduação e cerca de 146 cursos de graduação.

É a segunda maior universidade em número de cursos de pós-graduação e número de alunos de pós-graduação: o número de alunos de pós-graduação da Unesp ultrapassa 10% do número de alunos de pós-graduação no Brasil, para se ter uma ideia. Ela é colocada em segundo lugar em número de publicações científicas e tem uma atividade também prática, assistencial, voltada para a sociedade, bastante intensa.

Então, a Unesp tem cinco clínicas odontológicas; tem clínicas de psicologia; tem - ainda que não seja mais no orçamento da universidade - um hospital que é um dos maiores hospitais do interior de São Paulo; tem um centro de saúde-escola, que atende na cidade de Botucatu 30% da população; tem cinco fazendas experimentais, somando mais de cinco mil hectares.

Essas fazendas eu gostaria de, depois, detalhar: 70% delas é preservado, uma contribuição enorme para o sequestro de carbono. E a Unesp tem investido também fortemente nas interações mais científicas e com o setor produtivo na área de tecnologia e inovação.

Temos um programa robusto de permanência estudantil: mais de 50% dos nossos alunos são egressos da escola pública. Parte deles são da população de pretos, pardos e indígenas. E isso tem dado um resultado muito bom: a gente vê apenas as diferenças de rendimento no vestibular nos primeiros anos, mas isso se equaliza e, ao longo dos anos, a gente não tem muita diferença de qualificação ou desempenho escolar entre os alunos que ingressam pelo sistema universal e aqueles que entram pelo sistema de reserva de vagas, que foi uma criação do estado de São Paulo.

Podemos começar então? Eu não sei se eu enxergo daqui, preciso ficar mais perto. Acho que eu fico para o lado direito? (Inaudível.)

Então, como eu havia dito: implantada em 1976, presente em 24 cidades de São Paulo - 22 no interior, uma no litoral e duas unidades na capital. A missão dela, já bastante divulgada, é o exercício de atividades de ensino, pesquisa e extensão em benefício da sociedade; promoção da formação cidadã, formação profissional compromissada, qualidade de vida, desenvolvimento da geração, difusão de conhecimento científico em prol da superação das desigualdades no exercício pleno da cidadania. Aliás, esse foi um dos grandes motivos que fez a universidade ser a primeira no sistema de cotas. A Unesp já atingiu 50%, que era o projeto, muito antes das suas coirmãs. Próximo, por favor.

Bom esses são os nossos campi, onde nós estamos. A gente está em praticamente todo o estado de São Paulo: em Araçatuba, Araraquara, Assis, Bauru, Botucatu, Dracena, Franca, Guaratinguetá, Ilha Solteira, Itapeva, Jaboticabal, Marília, Ourinhos, Presidente Prudente, Registro, Rio Claro, Rosana, São João da Boa Vista, São José do Rio Preto, São José dos Campos, São Paulo, São Vicente, Sorocaba e Tupã.

Como eu disse no início, nem sempre foi assim: ela passou por três ciclos de expansão. Em 1988, foi encampado o campus de Bauru; no início do século, por iniciativa do governador Geraldo Alckmin, se iniciou um processo de expansão para o interior do estado: foram construídos oito novos campi experimentais que, este ano, estão completando vinte anos.

Em 2012, em outro processo de expansão, também promovido pelo governador Alckmin, foram criados onze cursos de engenharia novos - que era a demanda da época

da sociedade - e também um campus novo na cidade de São João da Boa Vista. Pode passar o próximo por favor?

Então, se a gente for ver, só voltando um pouco a distribuição geográfica, e nós temos isso feito de modo geométrico: se você traçar com o compasso um raio de cem quilômetros, você tem abrangência completa do estado de São Paulo. Então, não tem uma Unesp distante da outra mais de cem quilômetros.

No último vestibular - esse ano, evidentemente que a gente ainda não tem - nós tivemos 67.657 candidatos. 50% deles disputam o sistema tradicional, o sistema universal, e 50% o sistema de reserva de vagas. E, pela primeira vez, em 2022 nós utilizamos a linguagem brasileira de sinais para pessoas com deficiência. Próximo, por favor.

O nosso patrimônio pode ser resumido: são as 35 faculdades e institutos, as três unidades administrativas - que são duas administrações gerais, uma em Botucatu e Bauru e a reitoria, que é unidade administrativa; nós temos três colégios técnicos de alta qualidade, distribuídos em Guaratinguetá, Bauru e Jaboticabal; nós temos nove unidades complementares - são aquelas unidades em que se juntam mais de uma unidade para o desempenho de uma atividade inovadora.

Então, vamos imaginar o Instituto de Física Teórica, aqui na Barra Funda, que é o maior instituto de física teórica do Brasil: ela é uma unidade complementar. O Centro de Vacinas e Animais Peçonhentos em Botucatu, que tem feito um trabalho de vanguarda em biotecnologia e biofármacos, também é uma unidade complementar.

Como eu falei, nós temos cinco unidades de atendimento odontológico, além das outras que eu falei. Eu deixei lá em cima para não esquecer do centro de saúde-escola que eu também comentei. Nós temos, como eu falei, 3.182 professores, 5.079 técnicos: uma população ativa, na Unesp, de 8.200 pessoas. Isso são dados de 2022.

Mostrando também ali, para nosso orgulho, que não tem uma diferença muito grande entre a população masculina e a população feminina. Nos inativos, evidentemente - até porque se aposenta menos - a gente tem uma predominância de mulheres: nós temos 7.300 pessoas aposentadas na folha de pagamento da Unesp. Vocês veem que são 4.200 mulheres e 3.089 homens. Professores tem, mas estamos avançando. Acho que vamos chegar nessa... Próxima, por favor.

Esqueci de falar que temos três hospitais veterinários: um em Botucatu, um em Jaboticabal e um em Araçatuba.

E esse aqui é um dado que a gente trouxe hoje, da biodiversidade da Unesp. Como eu falei, a Unesp, nessas cinco fazendas, ela tem 5.112 hectares, ela tem a maior área territorial do agro de todas as universidades brasileiras. Mas o que é interessante é que ela tem 1.700 hectares de mata nativa, em que se acumulam 4.500 toneladas de carbono. E tem uma área ainda disponível para sequestro de carbono em áreas de regeneração florestal. Os cálculos são de análises de um grupo de trabalho específico dentro da Unesp.

Então, dentro dessas áreas disponíveis, ela ajuda a preservar 22 nascentes e tem um total de florestas nativas muito grande. E a biodiversidade, também: destacar que, apenas em Botucatu, há 342 espécies de ave, das quais 27 são ameaçadas de extinção e quatorze outras quase ameaçadas. E em Rio Claro há diversos estudos sobre aves migratórias. Então, se imaginar a questão do estado de São Paulo todo, com essa área enorme, a biodiversidade é um dos focos em que a gente tem que investir com mais ênfase. Próximo, por favor.

As fazendas estão em Botucatu, Rio Claro - Rio Claro é mais a área de preservação; as fazendas, tem Botucatu, Jaboticabal, Araçatuba, Dracena e Registro.

Esse é o nosso Hospital das Clínicas. Por lei aprovada nesta Casa em 2010, ele se transformou numa autarquia do estado, orçamentariamente ligado à Secretaria de Estado da Saúde e, do ponto de vista acadêmico, ligado à nossa universidade. Esse é um grande hospital, é um dos maiores hospitais do interior de São Paulo. Tem cerca de quinhentos leitos, tem cerca de setenta leitos de UTI. É o hospital do interior que faz o maior número de transplantes renais e o segundo maior número de transplantes cardíacos.

Ele é um hospital, hoje, que, ainda que o custeio dele não corra por conta da Unesp, nós temos cerca de quinhentos trabalhadores da Unesp nesse hospital. Lá ocorre grande parte do curso de medicina: o curso de medicina tem noventa vagas por ano, mas, a partir do terceiro ano, 360 alunos de medicina são atendidos lá, mais 120 alunos de enfermagem, mais alunos do Instituto de Biociências, do curso de Nutrição, do curso de Física Médica, e nós temos um robusto programa de residência médica no qual nós temos 570 concluentes todo ano, em todas as especialidades.

Então, ele é um hospital fundamental para o desenvolvimento de ensino e pesquisa na área médica. Os laboratórios desse hospital foram fundamentais para a genotipagem do vírus, do SARS-CoV-2, da covid-19, e foi com base nesse hospital que se montou um extraordinário programa de vacinação em massa, que ocorreu em maio de 2020, quando 67 mil botucatuenses foram vacinados. E um detalhe: desses vacinados com a vacina da

AstraZeneca - a vacina Fiocruz, para a gente ser mais justo - nenhuma pessoa foi a óbito por Covid. Pode ter vindo a óbito por outra coisa, mas, por Covid, não.

Eu estou falando que trabalho sem hospital, sem a estrutura de laboratórios que esse hospital tem, seria impossível. Então, é um hospital que não é da Unesp do ponto de vista de quem fornece os recursos financeiros, mas é da Unesp para toda a sua atividade de ensino e pesquisa. Próximo.

Bom, eu falei dos colégios técnicos. Eles têm 1.446 alunos matriculados, tanto no que a gente chama de nível médio, mesmo, ou nível técnico. Aqui nós temos as formas de ingresso, que nós estamos ampliando: hoje a gente tem o ingresso pela reserva de vagas para pretos pardos e indígenas, escola pública, estamos ampliando para olimpíadas acadêmicas, tem um outro projeto de educação - que aí não é 2022, então não vou colocar porque está bastante avançado - e também temos a entrada tradicional. Estamos estudando esse ano o início do vestibular indígena, assim como a Unicamp já tem.

Eu já falei dos 128 programas de pós-graduação. Onze deles são programas compartilhados com outros cursos, com outras instituições. Então, esses cursos oferecem 128 programas e 141 cursos. Então, também dos alunos matriculados na pós-graduação, vocês vão ver aqui um predomínio do sexo feminino: 55% dos pós-graduandos são mulheres e 45% são homens. Isso...

**A SRA.** - Na licenciatura?

**O SR. PASQUAL BARRETTI** - Não, licenciatura não. Isso é pós-graduação total. Isso é tudo, isso é tudo. Não, veja: mestrado acadêmico, profissional, doutorado acadêmico, todas as áreas - não é só licenciatura - inclusive na Medicina, em todas as áreas. Então, nós temos hoje mais pós-graduandas do que pós-graduandos. Próximo.

Esses são os restaurantes universitários. A inclusão social pela reserva de vagas trouxe um desafio enorme, que é a permanência estudantil. Não basta você apenas incluir as pessoas com vulnerabilidade dentro da universidade, sem mantê-las. Nós contamos com dez campi que têm restaurantes universitários; nós temos a moradia estudantil em treze campi.

Então, nós servimos - não estamos falando das refeições terceirizadas: refeições produzidas da Unesp - um milhão e meio de refeições por ano. O nosso programa de permanência estudantil, afora os restaurantes e a moradia, esse ano teve uma representação de 60 milhões de reais no orçamento da Unesp. Estamos agora com um

programa de recuperação das moradias, de recuperação dos restaurantes. Próximo, por favor.

Esse é um dado interessante, em azul. Então, aqui estão todos os campi da Unesp. Você vê que, em azul, são os alunos que são ingressantes de outras cidades, que não têm a Unesp. Os nossos alunos, eles não são, em geral - não são todos e nem a maioria - residentes nas cidades onde tem Unesp. Ela tem uma abrangência regional muito grande; os alunos da região onde está a Unesp, muitas vezes - vocês vão ver, em vermelho, de outros estados - frequentam a nossa Unesp. Próximo.

Agora, vamos aos recursos orçamentários. Como eu disse, nós recebemos, as três universidades, 9,57% do ICMS, dos quais a Unesp é o segundo beneficiário, com 2,3447 por cento. No exercício 2022, do nosso orçamento, a receita do ICMS foi de 3,4 bilhões; a receita própria, 232 milhões; convênio, 17 milhões; e hoje nós tivemos 3,6 milhões de pagamentos nessa somatória.

Estamos com 80% dos recursos em pessoal. Lembrar que, há alguns anos, tanto na Unesp quanto na USP, na Unicamp, superava cem por cento. 16,7% de custeio e conseguimos, em 2022, fazer 2,3% de investimento, que é alguma coisa em torno de oitenta milhões. Então, fazia tempo que a Unesp não fazia investimentos dessa natureza. Próximo.

Emendas parlamentares são outra forma de ingresso de recursos. As emendas estaduais, elas são de pequena monta. Não vai aqui nenhuma crítica aos deputados estaduais: 1,46 milhão nós recebemos, e recebemos no ano de 2022 seis milhões de emendas impositivas da bancada paulista. Tivemos um grande apoio da bancada paulista, nós temos tido. Já em 2023, esse valor subiu para oito milhões, e, mais ou menos, em emendas individuais de parlamentares, cerca de 1,5 milhão de reais. Próximo.

Programas e projetos. Nós assumimos a gestão em 2021 e lançamos uma série de programas para fazer a Unesp crescer. Então esse programa “Setembro a Setembro”, ele é muito voltado à saúde emocional. Nós conseguimos que cada unidade da Unesp tivesse pelo menos um enfermeiro e um psicólogo atuando nessa área. Não é pequeno o contingente de tentativas e de sucesso em suicídio dentro das universidades. Claro que um caso já é uma coisa dramática. Mas isso é uma coisa que nos preocupa muito e sempre o mês de setembro foi voltado à prevenção do suicídio. Por que setembro? Não, de setembro a setembro. Vamos fazer isso, criar um grande programa que está em construção, mas os recursos humanos, principalmente da área de saúde mental, já foram alocados.

Foi criado o programa Unesp Mulheres, no sentido de apoiar mulheres que tenham dúvidas, busquem ajuda, tenham caso de violência doméstica e sexual ocorridos dentro e fora da universidade. Esse é um outro programa que foi criado na nossa gestão. Próximo.

A gente tem trabalhado muito voltado para a agenda 2030 da Organização Mundial de Saúde, dos ODS. Foi criado um grupo de trabalho da Unesp chamado Grupo de Trabalho Unesp 2030, com vários pesquisadores da Unesp que atuam nessa área, viabilizando projetos que atendam a demanda da Unesp, articulando ações de ensino, pesquisa, extensão e demais assuntos em diálogo com os problemas da sociedade - todos eles pautados nos objetivos e indicadores sustentáveis.

Uma coisa que a gente avançou no ano passado: os nossos dados eram muito dispersos. Havia dado na unidade tal, na unidade tal, no computador, no sistema e a gente conseguiu criar um escritório de gestão de dados que nos permite criar e monitorar indicadores, permitindo à gente avaliar a qualidade acadêmica, o impacto de políticas institucionais, propor ações efetivas, ter um diagnóstico mais claro do que é a Unesp. A gente sempre dizia que a gente tinha muito dado e pouca informação; então, esse escritório tem sido realmente bastante bem-sucedido no que diz respeito a dar ferramentas para que a gestão possa planejar e atuar dentro da Unesp. Próximo.

Como eu falei no início, estamos estudando novas formas de ingresso. O vestibular de 2022 aconteceu e as pessoas entraram em 2023; houve 255 vagas adicionais que foram destinadas a medalhistas de olimpíadas de conhecimento. Outra forma de ingresso que tem é pelo Enem, que pode ser feito sem a necessidade de o candidato estar inscrito no vestibular da Unesp.

E agora - a gente pode deixar isso para o debate -, por iniciativa do secretário Renato Félix, nós estamos construindo um sistema de vestibular muito focado no estudante do ensino médio paulista. Para vocês terem uma ideia - e isso é um diagnóstico de desalento - nem 25% dos estudantes das escolas públicas paulistas prestam a USP, a Unesp e a Unicamp; e são quatrocentos mil. Nem cem mil prestam esses vestibulares: já têm a sensação de que não vão ser aprovados.

Fortalecer as formas de ingresso pelo ensino médio talvez mude um pouco essa realidade, e as pessoas vejam mais sentido em fazer o ensino médio, que é sujeito a uma série de mudanças e dispersão de conteúdos. Talvez isso seja uma coisa que dê certo. As três universidades estão debruçadas sobre esse projeto, mas a gente pode conversar sobre isso depois, porque é uma coisa que ainda vai acontecer, não aconteceu. Nós estamos falando de 2022 aqui. Próximo.

Este foi um sistema que nós criamos durante a pandemia, que é um programa de telemedicina, chamado “E-care Sentinela” - o cuidado eletrônico Sentinela. Ele não é apenas uma questão de consulta. Ele tem quatro módulos: um módulo instrucional - imaginar que nós estivéssemos na pandemia, numa outra pandemia, ou estivéssemos ainda na pandemia da Covid. O que é a Covid? Artigos, publicações de fácil acesso, de fácil entendimento para o público leigo, para o público da área de saúde; também, ele tinha um algoritmo - que você está com febre, você sente isso, sente aquilo, e acabava em alguma decisão: você deve ir para a sala de espera e ter um atendimento online ou presencial - esse era feito por uma enfermeira que foi contratada para esse programa, e essa enfermeira fazia a triagem de risco, e muitas vezes isso acabava no encaminhamento ou mesmo numa consulta médica sobre plantão.

Esse sistema, durante o primeiro ano de funcionamento, atendeu mais de seis mil pessoas: público interno da Unesp, estudantes. Veja, uma coisa é você ficar doente e estar no Hospital das Clínicas de Botucatu; outra coisa é você estar em uma cidade que não tem um hospital tão grande perto. E aí muitas vezes - não é, Dario? - isso recai sobre o diretor: “diretor o que eu faço agora? Para onde que eu vou?” Então, esse foi um sistema bastante bem-sucedido, feito em parceria com a Fundação Vunesp (que faz o nosso e vários outros vestibulares) e com o Hospital das Clínicas. Próximo.

Esse teleacolhimento é um outro sistema, bastante voltado, tanto para os alunos de graduação quanto de pós-graduação, para a área de saúde mental: são chamadas pelo Google Meet. Próximo. E aí a gente acabou criando um logo Unesp Cuida, mostrando qual foi o impacto - e aqui não está o Hospital das Clínicas. No Hospital das Clínicas, nós falamos na casa de milhões de atendimentos. Aqui, o atendimento que foi feito pela Unesp, excluindo o Hospital das Clínicas de Botucatu.

Então, em 2022 nós fizemos 633.867 assistências de atendimentos de saúde - consultas, profissionais, procedimentos, tratamentos cirúrgicos, também estão envolvidos nas clínicas odontológicas, reabilitação e diagnóstico. Isso deu, em média, mais ou menos 72 atendimentos por hora; isso, em 2022. Próximo.

Bom, um dos grandes problemas que a pandemia nos trouxe foi a necessidade de atualização do nosso parque tecnológico em tecnologia de informações. Começamos mais simples: em 2020, os alunos tinham aula no celular, ora com um chip comprado pela reitoria - não é, Dario? -, ora com um chip cedido pelo banco Santander.

Você deve imaginar que ter uma aula de cálculo no celular velho não é uma coisa tão recomendável, então, nós investimos muito nisso. Nós compramos, por conta da

permanência estudantil, mil computadores de excelente qualidade da Dell. Repassamos esses computadores para as nossas unidades universitárias que, assim como se fosse um livro, emprestaram para os alunos em vulnerabilidade para que eles pudessem, em 2022, acompanhar as aulas de modo remoto.

Mas também investimos nos nossos profissionais. Compramos, no ano passado, 2.109 computadores de mesa, 430 computadores portáteis e notebooks, 1.656 webcams, mais um sistema avançado da Microsoft. A coordenadoria tentou, com isso, fazer com que todo mundo estivesse conectado, que o trabalho fosse possível. Nós estamos em vinte e quatro cidades: se a gente não tiver uma boa tecnologia de informação, a gente fica desconectado. Então, houve esse grande investimento na área de computadores, rede e outros acessórios. Eu não sei citar todos os nomes aqui - que eu sou médico, talvez possa falar alguma coisa inadequada. Próximo.

“Unesp presente” foi um programa que merece especial consideração. Devido ao aumento da arrecadação de ICMS, que aconteceu no ano de 2021, o governador Dória e o vice-governador Rodrigo Garcia, eles anteciparam, para as três universidades, cerca de um bilhão de reais de orçamento. Então, quer dizer: eles mandaram dinheiro novo para universidade. Você sabe bem disso, uma autorização para que a gente pudesse utilizar esses recursos que tinham sido captados pelo aumento do ICMS.

A Unesp recebeu 240 milhões de reais de orçamento, e ela criou um logo interno, um programa interno chamado “Unesp presente”. E qual era a indução que o governo do estado queria fazer (isso é mais ou menos por agosto, setembro de 2021)? Que os alunos voltassem às aulas de modo seguro.

Então, ele foi investido em infraestrutura de ensino, saúde física, mental, auxílio - tivemos auxílio até para pós-graduando, as gestantes - e tivemos modificações em sala de aula, em áreas de vivência, que pudessem realmente fazer a volta presencial de modo seguro, sem aglomerações, sem tudo aquilo que a gente temia no tempo da pandemia. Criamos também um aplicativo de graduação, então hoje todos os alunos da Unesp - a gente tem um aplicativo que ele conhece a Unesp, sabe a situação funcional, pode ver as notas, então ele conhece a Unesp do seu próprio celular.

No final do ano passado, também, nós aprovamos pela primeira vez a criação do nosso fundo patrimonial, utilizando a legislação vigente. Isso está ainda muito embrionário: a gente chama esse fundo de Prospera: é uma associação, como tem que ser um fundo patrimonial. Nós já temos o nosso primeiro milhão, que foi gentilmente doado pela família Nishimura, que controla a empresa Jacto, de Pompeia - que teve, ao longo da

sua história, uma interação muito grande com a Faculdade de Ciências Agronômicas de Botucatu no desenvolvimento de tecnologias voltadas ao agro. Próximo.

Então, nós já falamos aqui do aplicativo. No ano passado, nós tivemos a 34ª edição do Congresso de Iniciação Científica da Unesp. O que é iniciação científica? Os estudantes que, desde a graduação, se voltam para alguma atividade de pesquisa, participando desse mundo de produção do conhecimento. E foi um recorde de todos os outros congressos: nós tivemos 2.898 trabalhos submetidos, quer dizer, professores e alunos trabalharam em quase três mil produções. E foram 34 alunos premiados na primeira fase e 31 na segunda fase. Normalmente eles são premiados com viagens para congresso, não é só com diplominha e medalha. Próximo.

Uma coisa também bastante interessante que nós começamos fazer - isso foi uma parceria com as prefeituras de São Paulo, Guarulhos e Cubatão - foram os cursos de graduação, de licenciatura em pedagogia, na modalidade semipresencial. Há uma deficiência ainda de formação de pedagogos: então, 434 docentes no exercício de educação infantil, nos anos iniciais, tiveram a oportunidade de fazer o curso, que foi executado pela Unesp em parceria com essas cidades e com o Sistema Universidade Aberta do Brasil, com o financiamento e a coordenação da Capes, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação. Próximo.

Agora vamos ver um pouquinho dos nossos resultados mais acadêmicos. A Unesp tem uma aprovação muito boa no exame do Enade, no exame de desempenho dos estudantes. Esse dado é de 2021, o dado de 2022 é melhor que esse, mas pelo menos 80,5% dos nossos cursos receberam avaliações quatro e cinco, que são as melhores avaliações. Isso melhorou substancialmente no resultado, que a gente pretende estar aqui, em 2023, para contar para vocês. Próximo.

Isso é a graduação na avaliação da Capes. A gente vê que, se você pegar os cursos cinco, seis e sete, que são os cursos de excelência, eles são a maior parte dos nossos cursos. E houve um aumento importante ao longo dos anos e, particularmente, nos resultados que nós obtivemos no final do último quadriênio, que não está aqui. Cerca de 39 cursos da Unesp subiram de pontuação na última avaliação. Então, se faz bastante quantidade, mas estamos melhorando a qualidade dos nossos cursos. Próximo.

Aí a inovação, que é uma área em que a gente tem investido bastante. Estamos aí com mais de oitocentas comunicações de invenções, um portfólio com mais de quatrocentas patentes, mais 380 contratos de propriedade intelectual e transferência de tecnologia, mais 350 softwares, marcas etc. Mas estamos agindo agora de modo mais

efetivo, para que todo esse portfólio, esse arsenal de inovação chegue até a sociedade - chegue ao setor produtivo, à indústria, à solução de problemas de comunidades.

Nós tivemos um problema - acabamos resolvendo com a Sabesp - de produção de biofertilizante na região de Registro, através da compostagem daquele lodo da Sabesp. Então quer dizer, o objetivo da inovação não é apenas a gente ter negócios, a universidade auferir recursos, melhorar a vida das empresas. Isso é, também, talvez seja o que acontece mais.

E este ano, aqui, também é uma novidade - nós até levamos ao governador Alckmin, ao secretário Junqueiro, da Agricultura: nós tivemos nossos três primeiros cultivares de batata-doce desenvolvidos em Jaboticabal e Registro. O Brasil é deficiente em vitamina A, e essas batatas-doces, elas foram, ao longo de anos - em parceria com o Moçambique, inclusive -, melhoradas geneticamente. São batatas-doces, hoje, da Unesp. São enriquecidas em vitamina A de modo natural, pelo melhoramento genético, e não pela adição de compostos de vitamina A... Próximo. Isso é uma inovação social, não é? Não tem nenhum objetivo comercial, isso. Isso tem sido distribuído para comunidades, para creches, para locais assim, para que possa melhorar a alimentação.

Se não tem objetivo comercial, a parte internacional é bastante forte. Em 2022, nós estabelecemos 42 parcerias com instituições estrangeiras, 93 com instituições do país e, hoje, nós temos 583 parcerias vigentes, são 202 com instituições estrangeiras. Uma ação simbólica que nós tivemos ano passado (falo simbólico porque ela foi de menor número): pela primeira vez nós mandamos para o exterior - para Granada, na Espanha - nove estudantes do grupo de vulnerabilidade social. Foram selecionados, evidentemente, três da área de humanas, três da área de biológicas e três da área de exatas. Eles foram ficar seis meses na cidade de Granada, na universidade. Pretendemos ir replicando esses programas. Próximo.

Este é um trabalho que a gente considerava, no nosso projeto de gestão, prioridade um, repor - aqui está o quadro docente, mas é o quadro docente e técnico. Então, nós ficamos desde o final de 2014 até o início de 2021 com dificuldades, por causa da Lei Complementar 173, em contratar pessoas. Até o final de 2022, nós fizemos 539 novas contratações.

Nós tínhamos um déficit astronômico, porque os aposentados não são repostos, eles ficam na conta da universidade e não havia recursos. Precisaria haver um pouquinho mais de vontade política para repor esses casos, porque havia, claro, piora de desempenho pela falta de professores, inclusive casos de adoecimento e piora profissional dos técnicos.

Então, nós conseguimos contratar no ano passado 148 professores, dois pesquisadores e 389 técnico-administrativos - esse número deve subir: ainda tem dez, mas neste ano aqui, que não está relatado, nós chegaremos, ao início do segundo semestre, desses 48 para quinhentos professores, e desses 389 técnicos a mais de setecentos.

As contratações, elas têm todo o seu rito: elas não acontecem de modo assim, automático. Tem um rito, tem a Vunesp, que é extremamente rigorosa, uma seleção lá no concurso público. Mas a gente pretende melhorar muito esse déficit, ainda. Eu acho que, talvez, a maior velocidade vai ser no ano de 2023. Então, a gente espera mostrar números ainda mais animadores no ano que vem para os senhores. Próximo.

Então, vou falar um pouco dos rankings acadêmicos. Isso é um pouco chato, mas a gente vai tentar resumir. Os rankings, normalmente, eles são... 2021, 2022, 2023, a gente trouxe o período que a gente está por lá. Nos rankings internacionais, aquele World University, a Unesp é a quinta universidade do Brasil. Tem alguns destaques: a quarta melhor posição no Brasil no indicador de alunos em mobilidade internacional; a terceira melhor do Brasil no indicador de citações por docentes; a quarta melhor do Brasil no indicador de reputação do empregador; e a quarta do Brasil no indicador de reputação acadêmica.

Quando nós vamos para América Latina - até a segunda coluna, que está ali, de figuras -, nós somos a terceira melhor da América Latina no indicador de publicação docente; a sexta melhor posição na questão do impacto; e a terceira da América Latina no indicador de docentes com doutorado - e a quarta melhor produção do Brasil na questão de empregabilidade.

Agora é outro ranking. Não é o mesmo ranking, mas de 2021, envolvendo as universidades com menos de cinquenta anos. Então, nós somos a primeira universidade do Brasil em qualidade acadêmica, entre aquelas com menos de cinquenta anos, e também somos a primeira da América Latina nesse indicador. Próximo.

Esses já são outros rankings: esse já é o World University Ranking. Aqui nós somos a nona do Brasil - isso em 2022, 2023 -, a oitava da América Latina e a quarta entre aquelas com menos de cinquenta anos, aí considerando o mundo todo. A quarta do Brasil e entre duzentos e trezentos no mundo. Próximo.

É isso. Basicamente são os dados que eu queria passar para os senhores. Agradecer a atenção de vocês e me colocar de volta à mesa, à disposição para algum debate que julgarem necessário.

**O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB** - Srs. Deputados, eu queria agradecer ao Sr. Reitor, parabenizá-lo pela fala. E vamos passar a palavra para a deputada Marina Helou, que é a primeira inscrita. Marina já esteve com a gente na primeira apresentação, não é? Online, ainda.

**A SRA. MARINA HELOU - REDE** - Verdade. Reitor, prazer em te conhecer ao vivo. Acho que, dessa comissão, eu sou a única que ficou da comissão passada, da legislatura passada na mesma comissão. Acho que você não estava, não, nos últimos dois anos. Nos dois primeiros anos a Beth estava. A Bebel também está. Eu, a Bebel e a Beth - peço perdão se esqueci, mas vou citar a Bebel aqui. Principalmente parabenizar o trabalho da universidade, a Unesp Mulher.

Acho que nessa Casa a gente teve uma CPI brilhantemente presidida pela deputada Bebel, em relação à violência sexual contra mulheres nas universidades. A Unesp foi bastante participativa, e muito trabalho que saiu dessa CPI, a gente vem refletindo hoje em programas concretos. Acho que foi superbom ter o senhor, trazer aqui, e quero parabenizar aqui publicamente a universidade pelo trabalho ao longo dessa assembleia. Bebel presidiu muito bem e a gente conseguiu ter um contato muito próximo com a Unesp. Quero agradecer.

Eu tenho aqui vários pontos, reitor; eu vou tentar ser breve, mas peço perdão se me estender, porque, de fato, foi uma apresentação muito longa com muitos pontos importantes que a gente não pode deixar de citar.

Na última vez em que a gente esteve aqui, a gente conversou muito sobre a preocupação da Unesp principalmente acerca de dois temas, que eram a permanência estudantil - e queria ouvir um pouco como é que está essa estratégia - e a integração da universidade com a sociedade, essa busca por cada vez mais a universidade estar integrada nos problemas da sociedade, nas prefeituras municipais, nas estaduais, na política, mas principalmente na construção de soluções.

Então, esses são os temas mais amplos, mas eu também tenho alguns temas mais específicos. Eu quero começar perguntando da relação da queda por procura de vagas, como que está isso. Eu vi ali que na questão do vestibular a gente fala bastante na questão de vagas remanescentes, e várias formas de vagas remanescentes. Então, como é que fica essa relação? Como que a universidade está vendo isso?

Em relação ao vestibular indígena, quero parabenizar o senhor por trazer essa iniciativa para a Unesp. A Unicamp já tem, ela tem sido superimportante, a gente tem

acompanhado. Estive recentemente com a presidente da Funai falando sobre isso. Importante que a Unesp dê esse passo, mas a gente também tem visto alguns problemas na recepção desses alunos.

Então, se tem uma busca por preparar a universidade sob a perspectiva de moradia, de inserção na sociedade, para que esse vestibular, ele seja completo também com a recepção desses alunos. Dizer que a gente tem uma pergunta que continua há quatro anos. Se na primeira escuta, a gente falava dela da perspectiva futura, a gente está falando agora de uma perspectiva muito presente, que é a reforma tributária.

A gente viu ontem a apresentação do grupo operativo do Congresso Nacional sobre a reforma tributária. É uma reforma que acaba com o ICMS, e hoje o financiamento das universidades paulistas está diretamente atrelado ao ICMS. Claro que as faculdades não vão deixar de ser, as universidades não deixarão de ser financiadas; mas se já tem uma proposta, e se já tem uma conversa com as outras universidades em relação ao financiamento das universidades frente a reforma tributária e a mudança que vai ter em relação ao ICMS.

Queria parabenizar pelas contratações, é um tema que a gente, que viajou - eu estive em várias Unesp, vários campi. Frequentemente vem uma reclamação, vem um pedido de mais contratações. Vi que tem um esforço, aqui da reitoria, dessa direção; quero parabenizar e dizer que a gente está à disposição nessa Casa.

Vi com preocupação o vestibular de pedagogia semipresencial. Queria saber se já tem resultados em relação a essas iniciativas, porque a gente sabe que a pedagogia é um aprendizado em que o presencial faz muita diferença, que estar em sala de aula faz muita diferença; a qualidade dos nossos professores formados para educação infantil que têm experiência presencial em sala de aula... Isso faz muita diferença. O aumento de cursos à distância de Pedagogia resultou numa queda de qualidade da formação dos nossos professores, e, como você trouxe isso como um destaque, queria perguntar como é que está esse acompanhamento.

Parabenizar, também, em relação ao programa de saúde mental, “Setembro a setembro”. Achei muito bom, a gente tem essa preocupação também com os alunos, recebemos muitas dessas críticas e dessa questão de como que a gente lida e se prepara enquanto universidade, porque também não é simples para os professores, também não é simples para o corpo técnico se preparar para isso, ter um olhar para os dois lados.

Por fim, a gente tem uma discussão sobre o antigo campus de Franca - que tem uma discussão específica ali, mas eu vou deixar o meu colega querido Guilherme, que é

de Franca, falar mais sobre esse problema, mas a gente vem acompanhando também. Acho que esses eram os principais pontos que eu tinha colocado, sem deixar de citar a importância da ciência, pesquisa e desenvolvimento que a Unesp vem promovendo.

Ricardo Galvão, que é da Rede Sustentabilidade, hoje, como presidente do CNPq, sempre se coloca à disposição. Acho que é importantíssimo fortalecer esse link, essa relação. Professor Ricardo gosta muito e tem muito carinho pela Unesp. Ele de fato se preparou, encontrei ele na segunda, falamos do senhor, e acho que é importante a gente também garantir que as relações entre as instâncias federais, municipais e estaduais se fortaleçam a partir do trabalho dessa comissão. Então, contem comigo e contem com a gente para isso, também. Obrigada, reitor.

**O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB** - Deputada Beth Sáhão com a palavra. Eu estou sugerindo ao Sr. Reitor que ele anote. Depois ele faz...

**A SRA. MARINA HELOU - REDE** - Presidente, eu queria sugerir, eu queria perguntar se ele não pode responder deputado por deputado, porque, como a Beth também vai ter muitos temas...

**O SR. PASQUAL BARRETTI** - Pode deixar. Tem muitos temas. Marina podemos fazer assim, sem problema.

**O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB** - É uma vez só, senão fica muito complicado aqui...

**A SRA. MARINA HELOU - REDE** - Eu peço perdão. Então, desculpa, eu não sabia que seria assim, poderia ter feito...

**O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB** - O reitor está anotando. É. E depois ele vai ver como é que responde.

**O SR. PASQUAL BARRETTI** - Só preciso entender o que eu escrevo aqui, depois.

**A SRA. MARINA HELOU - REDE** - Perdão, então, para os deputados. Eu não sabia que seria assim.

**O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB** - Deputada Beth Sahão, com a palavra.

**A SRA. BETH SAHÃO - PT** - Bem, primeiramente, cumprimentar o reitor pelo trabalho, dizer que eu fui aluna da Unesp de Araraquara, uma universidade pela qual eu tenho o maior carinho e uma universidade que se interiorizou - e isso, para nós que somos do interior, é extremamente importante na medida em que ela pode oferecer um ensino de qualidade, de pesquisa, de inovações tecnológicas, de conhecimento de uma forma mais socializada, digamos assim, porque ela está em vários pontos do estado, como você mesmo colocou durante a sua exposição.

Cumprimentá-lo pelo trabalho, mas a gente tem muitas preocupações. Aqui na Assembleia, a gente criou a Frente Parlamentar em Defesa das Universidades Públicas e dos Institutos de Pesquisa, que nós nos falamos por telefone, que eu lhe fiz um convite.

Mas você está agora à frente do Croesp, como presidente do Conselho de Reitores. e eu queria também aproveitar a sua posição: como que vocês estão encarando a perspectiva desta reforma tributária, em que a gente pode ter uma modificação na arrecadação de impostos, inclusive com a perspectiva de extinção do ICMS? Quais são as discussões que vocês estão - eu acredito que devem estar sendo feitas - junto ao governo do estado para ver como que serão repostos esses recursos, já que grande parte dos recursos das universidades públicas paulistas vem do ICMS, e a apresentação sua apontou para isso. Aliás, eu queria solicitar se você poderia disponibilizar esses dados para todos nós.

Eu frequento muito a Unesp. Não só na minha região ali, a Unesp São José do Rio Preto, de Bauru, mas também a gente vai, acaba indo para Araçatuba, para Botucatu, Prudente, Araraquara, Jaboticabal... enfim, tem algumas demandas que eu percebo que são muito importantes.

O senhor mesmo disse do crescimento dos alunos. E o crescimento dos alunos não foi acompanhado na mesma proporção pela permanência estudantil. Eu, inclusive, já destinei até recursos para isso em alguns campi, em algumas unidades. E a gente percebe que tem uma carência muito grande: tem pouca permanência, poucas vagas na permanência estudantil para a quantidade de solicitações e de alunos que necessitam.

O fato, inclusive, de a Unesp ter sido a primeira universidade paulista a abrir o seu sistema de cotas também acabou criando ali - recebendo alunos oriundos de camadas mais pobres da população. E, como consequência, sem condições para bancar a sua permanência em outras cidades: o senhor mesmo colocou aquela pizza mostrando quantos alunos vêm de outras cidades que não aquela onde está instalada a unidade, aquela respectiva unidade.

Então, eu acho que isso é uma preocupação grande - acompanhada, evidentemente, das refeições. As refeições são boas, eu já entrei, não comi porque eu teria que pagar, eu não tinha como pagar isso. Mas bem que eu gostaria. Saí de lá com vontade: o dia em que eu fui, tinha um estrogonofe muito bom, tinha salada, tinha carne - acho que bem balanceada por nutricionistas, só que insuficiente do ponto de vista da quantidade. Não dá para atender. Tem muitos alunos que não conseguem ter as refeições.

Eu vou dar um exemplo. Eu estive no campus da unidade de Presidente Prudente. Ali, tem uma parte do seu refeitório que está ociosa. O deputado Bragato é de lá, inclusive ele pode confirmar isso que eu estou dizendo: está ociosa. Tem as cadeiras, tem as mesas, mas para haver a ampliação das refeições precisaria aumentar a câmara fria, precisaria certamente aumentar os funcionários da cozinha.

Então, tem algumas outras medidas que têm que ser acompanhadas desse aumento de refeições. Em outras unidades também tem acontecido isso. Então eu queria saber como é que vocês estão se preparando para isso, se é que tem alguma política, já, para vislumbrar essas questões, que eu acho muito importantes.

Tem também a questão da equiparação dos proventos dos servidores técnico-administrativos das três universidades estaduais paulistas. Como que vocês estão tentando fazer isso? Vai haver essa equiparação ou não? E a abertura das negociações com o Fórum das Seis: o senhor sabe que o Fórum das Seis é uma entidade extremamente representativa das três universidades, então eles têm, inclusive, uma expertise muito grande nesse processo de conversação, de negociação junto às universidades, tanto do ponto de vista dos docentes quanto do ponto de vista, também, dos seus servidores.

A Marina falou da relação da Unesp - eu não me lembro se você falou das empresas privadas. E eu queria acrescentar: tem algum risco de interferência indevida dessas empresas privadas no modo de produção do conhecimento das universidades públicas paulistas? Essa é uma preocupação, na verdade, que eu sempre tive.

Eu me lembro quando estive aqui o diretor-presidente da Fapesp. A gente também formulou essas questões para ele, no sentido de saber como são feitas essas parcerias,

quais os interesses públicos que estão nessa parceria, que é legítima. Não estou aqui - não sou nenhum dinossauro achando que não deva ser feita: deve ser feita. Só que a gente quer saber quais são os reais interesses, e como que o senhor entende a relação entre a pesquisa em ciência pura e aplicada. Como é que o senhor vê essas diferenças?

E os salários, vão ter o poder de compra que ainda havia em 2012? Houve uma perda desse poder de compra, não é? Ficou um pouco defasado. E o senhor mesmo disse que uma boa parte - e eu até reconheço isso - vai para folha de pagamento, e sobra muito pouco para investimentos: dois pontos alguma coisa, que o senhor falou aí na sua exposição. Tem margem para poder fazer uma recuperação salarial?

Tem margem para poder aumentar os investimentos? Várias unidades estão precisando de investimentos: de recuperação de prédios, de bibliotecas que precisam - que seus espaços físicos estão bastante precários, tem algumas que precisam de intervenções, alguns laboratórios que precisam...

Por exemplo, a Unesp de Presidente Prudente tem um baita de um laboratório fantástico de fisioterapia: tem ali vários equipamentos etc. Eu entrei numa sala - só vou dar esse exemplo - e tinha um equipamento lá que mede o tônus muscular do corpo todo. Eu não sei exatamente como, não me recordo agora o nome; ele precisa ser consertado. E custa cinquenta mil reais, quer dizer, não é nenhum valor faraônico para consertar.

Muitas vezes, os recursos que eu sei que vocês destinam para cada unidade não dá para cobrir todas as despesas: ele é insuficiente, porque você tem que gastar com a manutenção, com a limpeza - a área das unidades é grande, não é? Tem o processo de jardinagem, enfim, tem uma série de coisas. E os prédios vão envelhecendo também, precisam de reparos. Então, eu queria que o senhor também dissesse se vocês têm um programa - um cronograma, desculpe-me - desses investimentos.

Queria cumprimentá-lo também porque, há alguns anos - se não me engano, entre 2014, 2015 - a Unesp passou por uma crise grande. Não lembro exatamente o ano.

**O SR. PASQUAL BARRETTI - 2016 e 2017.**

**A SRA. BETH SAHÃO - PT - 2016 e 2017.** Tinha dinheiro para pagar, para finalizar o décimo terceiro; teve que parcelar o décimo terceiro. Agora melhorou a saúde financeira da Unesp. Mas ainda há muito que conseguir, até para poder atender a todas essas demandas, essas carências que ainda a gente encontra junto às unidades, não só do ponto de vista da pesquisa, dos espaços ideais para se fazer isso, mas também do corpo

docente, que é essa reposição da mão de obra: ela não atende ainda na proporção do pessoal que ficou, que se tornou inativo, que se aposentou, como também dos seus servidores.

Enfim, tem vários pontos que eu tenho certeza que, naquilo que depender da gente, da nossa luta - que é contínua, aqui, de muitos anos - para aumentar... Estou terminando. Para aumentar esse índice do ICMS foi grande. Muito obrigada. É isso. Acho que eu fui em ponto, eu marquei aqui no meu cronograma.

**O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB** - Ok. Deputada Bebel.

**A SRA. PROFESSORA BEBEL - PT** - Bom dia, Dr. Pasqual. Uma satisfação vê-lo pessoalmente. Enfim, todas as discussões nessa comissão, elas são de suma importância, porque é a base da sociedade como um todo, e a gente entende que - a presença, inclusive, do secretário de Ciência e Tecnologia nos últimos quinze dias, que esteve aqui conosco, Dr. Vahan Agopyan nos deixou dados importantíssimos, e eu vou repetir para ele alguma coisa que eu repito para o senhor (é uma afirmação, não é uma pergunta): a ciência nunca esteve em foco como está neste momento.

Isso é um fato. É um desafio, eu diria. Sofreu um desafio maior durante a pandemia: dar respostas a um vírus que matou mais de setecentas mil pessoas. E deram. E isso graças - como o senhor próprio apresentou - Ao trabalho desses profissionais que se dedicaram, e tivemos a vacina como resposta, o antídoto a um discurso que era muito ruim naquele momento, que era contra a ciência. Então, a ciência está forte: da forma negativa, ela sai fortalecida.

Mas verdadeiro também é que, antes da pandemia, as universidades - as três - sofreram um ataque frontal nessa Casa, que foi a criação de uma CPI para averiguar possíveis - fomos até nós, a Leci Brandão, eu e o deputado Barros Munhoz que fizemos mudar a ementa da chamada porque falava “irregularidades”; olha, já está afirmando. A gente quer que use o “possíveis” porque a gente tem certeza que não há irregularidades. Mas já que tem uma CPI nós vamos, ao longo do processo - a cada oitiva teremos oportunidade, todos teremos a oportunidade de comprovar.

Foi um momento - eu diria, Dr. Pasqual, deputado, presidente Mário Mauro Bragato - foi um momento muito rico da minha vida. Eu achei que eu ia ficar perdida; eu achei foi meu caminho. Porque, como eu sou egressa da educação básica, embora tenha feito o ensino superior, pós-graduação, o foco todo meu está na educação básica. Mas ali,

não: ali eu pude ver, por dentro, da forma como o assunto foi levado. Tinha que desbravatar, por dentro, o que é que essas universidades faziam.

E saímos daquele processo com dois votos: um voto do relator e um voto meu e da deputada Leci - nós duas. E confesso que o nosso voto é que, na prática, saiu vitorioso. Teve todo um “mise-en-scène”. Por quê? No nosso voto, a gente primeiro demonstra que não houve essa questão de irregularidade com relação... Questionavam-se os altos salários dos professores: foi uma... puxa vida, mas um professor doutor, trinta anos, não vai fazer jus a um salário que ainda é aquém de outros, de outros países; eu, uma professora de educação básica que ainda luta pelo piso salarial profissional nacional. Está certo?

Mas eu tinha clareza do papel da ciência na nossa vida, na sociedade - enfim, no desenvolvimento tecnológico. Então, por que isso? Então, aquele momento... e o meu voto, ele reforça uma coisa que eu vou dizer para o senhor agora: ainda persiste essa injustiça na forma de calcular os 9,57% do ICMS, que é a cota-parte da educação - as universidades - e que é retirado, do total arrecadado, os recursos destinados aos programas de habitação, multas de mora e dívida ativa. Qual deve ser o movimento entre nós? Aqui dentro, a gente já sabe. Acho que a bancada de oposição, também; a governista viu a importância.

Passamos por um segundo momento que foi a tentativa de retirar a autonomia universitária, devidamente apontada pelo senhor com uma grande vitória, uma grande forma de gestão que eu considero também necessária para que a ciência e a tecnologia não sofram nenhuma influência porque não têm autonomia. Têm que ter autonomia.

Agora, nós vamos enfrentar - nós vamos ter um enfrentamento difícil nesta Casa, e aí eu estou fazendo um apelo para a base governista. Se tiver redução de recursos constitucionais da educação - e isso envolve, sim, também as universidades... Nós fizemos uma audiência, na última semana, na Comissão de Educação - aliás, com essa possibilidade, poderia ter sido aqui, juntos - onde se demonstra o quê? Se tirar de 30%, 5%, que o governador quer enviar na forma de emenda constitucional, nós vamos ter uma perda de nove bilhões de reais. Isso, estudos do Dieese.

Essa perda, ela tem um impacto. E não vai sobrar - vai ter na educação básica. E os argumentos do governo, sim, alguns são razoáveis: há uma queda na taxa de natalidade; sim, é verdade. Mas também há uma saída dos estudantes do ensino médio - já vou linkar com a outra questão -, que saíram porque o ensino médio ficou integral, e esses estudantes são alunos trabalhadores. Então, esses estudantes precisavam ter o quê? Um acesso, não

é? Uma garantia para que esses estudantes pudessem trabalhar ou não trabalhar, somente estudar e ter assistência também estudantil para esses estudantes, porque eles são alunos trabalhadores. Nós não resolvemos o problema socioeconômico do país.

E essa reforma do ensino médio: qual é o impacto? Porque eu pude ver: há, por parte da Unesp, um programa que atende, está atendendo o ensino médio e técnico, inclusive. Agora, esse ensino médio que - o senhor próprio disse que há uma queda no desejo do estudante do ensino médio de fazer o Enem, porque ele próprio, olha só, o próprio estudante sabe que ele não passa no Enem. Como nós vamos resolver esse dilema?

Hoje, por exemplo - o dia de ontem, já foi anunciado que vai dar mais um mês para ouvir mais entidades, porque as entidades querem ser ouvidas. Mas se essa reforma do ensino médio ficar como está - ou seja: nós temos o primeiro ano, todos os conteúdos; a partir daí, trezentos itinerários formativos. Que faz de conta, não é?, que os estudantes estão aprendendo, que na verdade não estão. Como é que ele vai fazer Enem? Como vai ser esse Enem? Rebaixar o Enem? É isso que... não tem como, não é?

Então nós temos que ver uma saída. Talvez um mutirão nacional. Talvez as universidades terem uma espécie de puxar para si também essa demanda, porque lá na frente nós vamos ter um esvaziamento. Porque essa estudantada que iria fazer o Enem sabe de antemão o que vai ser. Como enfrentar esse desafio? Qual deve ser, também, o papel das universidades? O Ministério da Educação e Cultura congelou, mas eu também cobro lá, eu sou do mesmo partido do ministro. Hoje mesmo liguei para lá. Então está se revendo aquela coisa, mas até que se reveja, a gente está perdendo. Essa é a verdade.

Então, essas são as questões, Pasqual, que eu - Pasqual, não é? Acertei - que eu faço. Mas muito mais uma preocupação. E que o senhor, se possível, colocar, porque, lamentavelmente, essas são questões que na minha opinião vão bater aí num futuro muito próximo. Muito obrigada.

**O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB** - Ok. Obrigado. Deputado Guilherme com a palavra.

**O SR. GUILHERME CORTEZ - PSOL** - Boa tarde, já, a todos e todas que estão aqui. Já passamos do meio-dia. Quero cumprimentar especialmente ao reitor Pasqual, reitor da universidade onde eu me formei. com muito orgulho. E fico feliz de recebê-lo hoje na Assembleia, porque fui muito bem recebido tanto na reitoria quanto no Conselho Universitário da Unesp, desde que assumiu o mandato.

Então, é uma alegria muito grande a gente poder fazer essa discussão porque, além de oriundo da Unesp - onde eu me formei em Direito, no campus de Franca - eu tenho a minha formação política muito ligada ao movimento estudantil, sobretudo o movimento de defesa das universidades estaduais paulistas, como é o caso da Unesp. E hoje, assumindo um mandato de deputado estadual, não poderia ser diferente; e, por isso, a defesa das nossas universidades, da educação pública, é uma das prioridades do nosso mandato.

Tenho muito muita satisfação de coordenar, aqui na Assembleia, a Frente Parlamentar em Defesa da Unesp. Também faço parte da Frente Parlamentar em Defesa das Universidades Públicas em geral a deputada Beth Sáhão. Mas a gente sabe que a Unesp, ela tem uma grande peculiaridade: em primeiro lugar, por ser a única universidade estadual paulista que está presente em 24 cidades de regiões diferentes do estado de São Paulo, e, ao mesmo tempo ser a universidade que mais sofreu, ao longo dos últimos anos, com o subfinanciamento geral das universidades estaduais paulistas.

Por isso, o objetivo da nossa Frente de somar forças entre os parlamentares, e por isso eu queria agradecer a todos os deputados que são signatários da nossa Frente, convidar os demais, que ainda não são, a fazerem parte para a gente poder se articular, para investir mais, para valorizar mais essa universidade tão importante.

Então, para não me alongar, quero dizer, como as deputadas que me antecederam já falaram, sobre a importância da preservação da autonomia universitária: tenho certeza de que a Unesp, assim como a USP e a Unicamp, não teriam se consolidado como instituições de referência e de excelência no que elas produzem se não fosse uma política muito acertada, que foi conquistada há algumas décadas, de se garantir a autonomia didática e financeira para as universidades poderem desenvolver a ciência.

Nosso mandato enviou, para os demais parlamentares serem signatários, um projeto de emenda à Constituição estadual para a gente incluir, de forma inequívoca, imexível também, no texto da Constituição estadual, a autonomia universitária das universidades estaduais paulistas como um pilar.

Considerando o papel social das universidades, de desenvolver ensino, pesquisa e extensão, mas também considerando a centralidade das políticas de permanência estudantil. Acho que a conquista da autonomia universitária foi um avanço e é importante que a gente inclua a autonomia também, de forma inegável, no texto da Constituição Estadual.

Tenho uma grande preocupação - como já me antecedeu, principalmente, a deputada Beth Sáhão - em relação às políticas de permanência estudantil, por ter sido estudante, por ter sido dependente de políticas de permanência estudantil durante os meus anos de aluno da Unesp, mas também pela realidade de que a Unesp é a universidade mais popular dentre as universidades estaduais paulistas, por ter sido a primeira a instituir uma política de reserva de vagas - e, portanto, ela é também a que mais tem demandas de políticas, de assistência, de permanência para manter os seus estudantes para que eles tenham condição de concluir os seus estudos.

Então, mesmo com os investimentos que foram feitos nos últimos anos, a gente ainda observa um déficit muito grande no tamanho da demanda que existe na universidade. Então, queria também fazer coro com a deputada Beth, e pedir para que o reitor pudesse detalhar mais as políticas que estão sendo feitas no sentido de atender a essa demanda da permanência.

Mas tenho plena certeza também, reitor, como já disse para o senhor, de que a crise financeira das universidades, ela não é causada pela universidade: na realidade, a reitoria, as administrações, as diretorias dos campi, elas têm que gerir uma crise que lhes é imposta pelos orçamentos estaduais e pelo governo do estado de São Paulo. Eu sou um dos deputados mais jovens aqui da Assembleia. Eu nasci no ano de 1997, mas desde 1995 o percentual de investimento que o governo do estado, que a Assembleia Legislativa destina para USP, para Unesp, para Unicamp dividirem é o mesmo, é de 9,57 por cento.

**O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB** - Deputado, tempo esgotado.

**O SR. GUILHERME CORTEZ - PSOL** - Só para concluir, presidente. De 1995 para cá, nossas universidades aumentaram muito o seu tamanho, tanto na sua estrutura de campi, de unidades, quanto de servidores e de estudantes. E, portanto, se a gente mantiver esse percentual de investimento nas universidades, realmente fica completamente inviável.

Portanto, agora que a gente vai ter a discussão da LDO, é muito importante que a gente reajuste esse índice. Tem várias emendas nesse sentido, para que as nossas universidades possam ter sustentação e possam sair desse estado. Como o tempo encerrou, eu vou fazer várias perguntas de forma acelerada, e o reitor vai tentar responder.

**O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB** - Deputado, o tempo está esgotado.

**O SR. GUILHERME CORTEZ - PSOL** - Tudo bem, tudo bem, deixa eu só fazer algumas perguntas com muita agilidade. Eu quero perguntar a respeito da proposta do sindicato de docentes e servidores técnico-administrativos em relação à equiparação salarial com a USP e com a Unicamp, que é uma demanda mais do que justa.

Como a deputada Marina Helou, que antecedeu a gente, tem toda uma demanda que o reitor conhece muito, no campus de Franca, em relação a um prédio antigo, que é um patrimônio histórico que era da Unesp e passou a ser ocupado pelo governo do estado de São Paulo, e foi praticamente abandonado; e a gente tem uma necessidade muito grande de preservar esse patrimônio.

E, também nessa semana, eu estive no ICT de São José dos Campos, visitando o curso de Engenharia Ambiental, que é um curso que hoje está sendo alocado dentro de um projeto científico da cidade, mas não tem uma estrutura própria da universidade para comportar eles. Então, eles estão praticamente utilizando um espaço que não é deles, até pagando aluguel. Então, queria que o reitor pudesse responder sobre essas demandas específicas, assim como as gerais. Muito obrigado pela paciência.

**O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB** - Vamos passar a palavra ao reitor, que vai responder as quatro...

**O SR. PASQUAL BARRETTI** - Eu consigo aqui.

**O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB** - Não, o senhor faz um balanço.

**O SR. PASQUAL BARRETTI** - Eu me atrapalho muito quando escrevo. Vamos falar um pouquinho de permanência, que isso permeou as quatro falas. A gente colocou a permanência como um dos principais pilares da nossa campanha eleitoral. A grande verdade - assim, não me cabe aqui desmentir, quer dizer, a permanência aumentou muito na Unesp nos últimos dois anos, não é?

Então, para se ter uma ideia nós estamos hoje com o orçamento de permanência praticamente o dobro do que quando a gente assumiu a universidade, e, pela primeira vez,

em 2023, o nosso auxílio socioeconômico se equipara ao da USP e ao da Unicamp. Há muito o que percorrer: a bandeira da permanência é uma bandeira que tem que ser levada aos colegiados com muita força, como a gente sempre fez, embora pessoas que queriam ser reitores da Unesp agora publicamente dizem que permanência não era obrigação da universidade.

Ela é obrigação da universidade sim, porque ela incluiu, ela impôs regras para incluir. O projeto inicial previa um modelo que podia facilitar a permanência. As universidades foram refratárias, mas fizeram muito bem - estivemos com o professor Mário Sérgio, que cuida da permanência, numa apresentação de equipe, recentemente. A previsão para este ano é que todos os pedidos sejam atendidos, mas a previsão é de incremento no número de estudantes; possivelmente, pelas mudanças de modalidade de acesso, eles vão trazer novas demandas.

Então, o que a gente quer, realmente, é fazer uma política de permanência - não projeto, uma política de permanência - com representação orçamentária e muito compartilhada. O Guilherme sabe que a Unesp tem uma comissão paritária que cuida da permanência: é a primeira comissão permanente. Ela tem um nome estranho, mas a Comissão Permanente de Permanência Estudantil é paritária.

Agora, para além do auxílio socioeconômico, tem duas grandes questões que nós estamos enfrentando - o Dario sabe muito bem - que é a questão das moradias e a questão dos restaurantes. Então, para a questão das moradias existe projeto: ontem nós tivemos a aceleração, com a nossa engenharia.

Esses projetos estão bastante atrasados, e têm uma dificuldade: você alocar os estudantes durante a reforma. Então, em Assis vai se optar por aluguel de residências. Não é uma coisa simples, você tirar a pessoa: onde é que ela vai morar? Felizmente, as moradias estão - não todas, não é o caso da Ilha Solteira, não é o caso de Franca, elas não estão em condições ruins, mas muitas estão em condições alarmantes.

Então, já existe recurso no orçamento deste ano; já existia, no ano passado, para as moradias dos centros de vivência. Esse é um grande... nós criamos uma outra política - nem todo mundo tem restaurante, e mesmo aqueles que têm não podem ser prejudicados - que chama política Sans, que é a política de alimentação sustentável e alimentação saudável. Isso está com a representação no orçamento.

Para se ter uma ideia: eu não sei em qual dos campi, houve quase 70% de aumento no número de refeições, e diminuição de R\$ 4,20 para R\$ 2,50. Essa é uma política que a gente pretende que seja uma política modelo. Não é uma política... Quando a gente

coloca esse guarda-chuva, “permanência” - é uma série de coisas, não é só o auxílio socioeconômico. É questão de você garantir condições de moradia e condições de alimentação, particularmente de alimentação saudável. Isso está em curso. Acho que a gente avançou bastante nesses dois anos e espero avançar ainda nesse ano.

Então, está em curso uma política de segurança alimentar; está em curso um processo de reestruturação das moradias. Essa é uma questão que - a permanência - e acho que agora nós temos um momento mágico, porque os estudantes, nós conseguimos trazê-los de volta para os colegiados. Ficaram quinze anos ou mais longe dos colegiados, longe das decisões - é um colegiado, e uma parte, um segmento da universidade estava excluído. As razões, não cabe aqui discutir. O Guilherme conhece muito bem.

Mas eles vão voltar, e vão poder defender suas próprias pautas, que, muitas vezes, elas são usurpadas por interesses que não são os mais recomendáveis. Então, acho que os estudantes são inteligentes, capazes e vão enriquecer muito essa discussão, e vão ser muito fortes nessa demanda, e a gente tem que estar preparado para isso.

Uma questão que foi colocada é a visão que se tinha, pouco tempo atrás: é uma universidade isolada que queria apenas regulamentar o que se considerava extensão universitária ou não, ou uma universidade que queria estar fazendo uma aproximação com a sociedade? Porque a extensão é o braço da universidade com a sociedade. Isso ficou patente no tempo da pandemia, que houve que se fazer ações solidárias que a universidade participou, senão muitas pessoas iam morrer por necessidades básicas.

Então, nós estamos com várias... nossa pró-reitoria de extensão hoje criou as redes temáticas. Tem várias redes temáticas. Eu vou falar de um exemplo bem-sucedido: um recurso, em Bauru, de aproximadamente um milhão de reais para o ICT de Bauru. Ele foi transformado num projeto de extensão que envolveu estudantes, coletores, catadores de lixo - é assim que chama? - de resíduos, e gerou cem toneladas de alimentos de agricultura familiar. A gente pretende replicar isso em outros locais.

Agora conseguimos uma parceria com a Secretaria da Agricultura para a gente trabalhar junto com as fazendas experimentais, muitas das quais, elas não têm mais pesquisadores, não têm mais estagiários. Então, hoje, a parceria mais recente foi feita com a fazenda de Ubatuba. Projeto muito interessante, foi criada uma geodésica que talvez vá ser um centro de troca de saberes, de ensino. Quer dizer, nós estamos muito - inclusive na agenda 2030 - muito envolvidos em fazer uma aproximação que não seja só essa questão da inovação e gerar, por exemplo, o material.

Existe isso: um convênio com a Volkswagen para gerar peças de automóveis a partir de produtos biodegradáveis, que não sejam produtos que poluem o meio ambiente. Então, a pró-reitoria de extensão tem feito isso através das redes temáticas.

A queda de procura de vagas é um fenômeno que afeta a graduação e a pós-graduação. Isso se acentuou tremendamente na pandemia porque, veja bem, as famílias empobreceram imensamente e, às vezes fica mais lógico para a família que o seu filho vá estudar numa escola privada na sua cidade, ou que ele vá se deslocar, vá preencher aquele mapa de trilhas azuis e vá para Franca e para Botucatu. Sem contar que, devido à baixa qualidade do ensino do ensino médio, os alunos têm essa questão que, em economia, seria chamada de desalento: para que que eu vou prestar?

Nesse aspecto, há duas coisas importantes que - aliás, a nossa discussão com temática de pós-graduação foi ontem, não é, César? - é a gente começar a construir uma política de permanência para pós-graduação, porque o governo federal ficou anos, anos fazendo crítica, apenas, ao governo anterior. Ficou anos sem reajustar as bolsas de pós-graduação. Então, como é que alguém pode, com R\$ 1.200,00, não trabalhar porque não pode ter vínculo, e sobreviver e se manter na pós-graduação?

Você percebe, claro, que esse ano houve um aumento que ainda é insuficiente. Eu sou otimista que haverá novos aumentos nas bolsas, mas eu acho, também, que a universidade tem que ter programas de permanência. Só que tem que ser construído com os critérios de vulnerabilidade social aplicado aos estudantes: eles não podem ser aplicados ao estudante de pós-graduação - por exemplo, um dos critérios é ter filho. A maior parte dos estudantes de pós-graduação vai ter filho. E, às vezes, isso não caracteriza que ele é vulnerável.

Construir essa política é um dos desafios aí para 2022 e 2023. A permanência, ela tem, na nossa concepção, dois pilares: o pilar assistência e o pilar emancipação. Como é que a gente atua no pilar emancipação? A gente trocou o que se chamava bolsa socioeconômica para auxílio, para que esses estudantes possam pleitear, por exemplo, bolsa da Fapesp. A gente pode dizer hoje que 27% dos estudantes que têm bolsa Fapesp são cotistas.

Eu não queria aqui antecipar programas, mas a gente tem construído, com a Secretária de Educação, um programa que está se chamando de vestibular série A, tentando valorizar as notas dos alunos nos exames - que, no caso nosso, não é o Enem, era o Saresp, vai ter um outro nome - para que ele possa ter acesso, aumentar a quantidade

de pessoas interessadas. A gente deveria pelo menos ter metade dos estudantes querendo prestar a USP e Unesp, Unicamp, não 25 por cento.

Mas esse programa aí foi construído com a universidade, não veio de cima para baixo. A gente propôs uma coisa interessante: que os nossos alunos de licenciatura, já nos últimos anos, pudessem ter oportunidade de dar aulas de reforço para os alunos do ensino médio, ao invés dessas contratações precárias que são feitas por horas-aula. Isso cairia na emancipação. Você teria, por exemplo, uma bolsa de R\$ 2.000,00, não de R\$ 800,00 para um aluno. Isso é uma construção que a gente está tentando progredir.

E também é outra coisa, que foi reivindicada e colocada pelo secretário: vamos imaginar a Unesp. A Unesp pretende oferecer 980 vagas para o ensino médio paulista. Esses alunos já vêm com bolsas, que são financiadas pela secretaria, então eu posso atender mais quase mil alunos dentro da Unesp. Não é por isso que eu vou reduzir o orçamento: nós estamos trabalhando com várias perspectivas de melhorar a permanência e, com isso, a gente não ter esse fenômeno horroroso de queda de interesse pela universidade.

**O SR.** - Só uma dúvida que ficou aqui: desses 25% que prestam, você tem o percentual que chega a ter êxito e passar ou não?

**O SR. PASQUAL BARRETTI** - Não, veja, é cinquenta - é simples, é 50 por cento. Cinquenta por cento dos estudantes vêm de escola pública - porque são feitas duas listas: escola pública e tradicional. Dentro da escola pública tem os percentuais de preto, pardo, indígena, que são cinco - aí não me lembro exatamente... [Trinta e cinco dos cinquenta. Agora, o que acontece é o seguinte...

Tem só para São Paulo? Não, mas a imensa maioria é de São Paulo. A imensa maioria dos estudantes é de São Paulo. Agora a procura é pequena: São 97 mil dos quatrocentos mil, mas vamos continuar...

**O SR.** - (Inaudível.)

**O SR. PASQUAL BARRETTI** - Metade deles. Metade deles têm a chance de passar. Seguramente, metade vai ser preenchida dentro dessas cotas.

**A SRA.** - Se são 25% que são egressos, quer dizer que é 12,5, é isso?

**O SR. PASQUAL BARRETTI** - Não sei. Não, precisa melhorar isso. Agora, tem que melhorar também o ensino médio. Tem que melhorar o salário do professor. Nós formamos excelentes licenciandos, que, em sua grande maioria, vão trabalhar na iniciativa privada. Mas eu acho que isso é uma construção que tem que ser feita: não é a Unesp que vai fazer isso.

Um assunto capital que também foi colocado aqui, e é de extrema preocupação, é a questão da reforma tributária. A gente está aguardando uma agenda com o governador Tarcísio. A gente já conversou com ele a princípio, os três reitores. Precisamos conversar de novo, mais amiúde, talvez com ele, com o secretário Kassab. Porque a constitucionalização, colocar isso na Constituição, é o que dá garantia absoluta, como é a Fapesp. Mas na Constituição não pode constar um imposto. Então aonde o caminho que seria um X por cento da receita tributária? Isso é o que daria segurança absoluta. As universidades têm esse estudo.

**A SRA.** - Teria que ter uma PEC. Uma nova PEC, aqui.

**O SR. PASQUAL BARRETTI** - Isso, mas é uma PEC que, como envolve recurso, é uma PEC que tem que sair do Executivo. Ela tem que vir do Executivo. Então, a importância dessa interlocução com o Executivo, para que a gente... Na verdade, nem que não houvesse, neste momento, um aumento de valores reais; mas é importante para nós que haja segurança. 9,57% do ICMS não é 9,57% da receita tributária: é menos. Não teria problema que fosse menos, mas vinculado à receita tributária e colocado na peça constitucional. Isso é o que nos daria garantia.

Não tenho aqui nenhuma preocupação com os ensinos semipresenciais porque eles são em menor parte - a Unesp não fechou, não diminuiu nenhuma vaga de Pedagogia, ele apenas atendeu uma demanda de algumas prefeituras, aproveitando uma janela de oportunidade da Capes para tentar melhorar. E isso, em geral, é definido para aquelas pessoas que já trabalham na escola e não têm Pedagogia. Não é para formar aluno, é para melhorar a formação de professor.

Então, vamos ver aqui se eu estou conseguindo dar conta. Reforma tributária, permanência... Bom, a equiparação salarial foi bastante falada. O que aconteceu, de fato, que gerou a equiparação salarial. É falacioso o discurso que equipararam os professores e não os alunos. Os professores nunca estiveram desequiparados. Os professores estavam

desequiparados em dois momentos da Unesp: coincidentemente, nos dois dava três por cento.

Foi quando a Unesp não acompanhou o aumento do salário dos titulares da USP em 2014, depois ela corrigiu e, na nossa gestão, logo em 2022, a gente corrigiu os 3% de reajuste que foram dados pelo Croesp em 2016, e que a Unesp não havia aplicado, e pagamos o retroativo. Ano passado, nós tivemos uma despesa de 360 milhões pagando os retroativos desde 2016 - inclusive com acordo judicial, porque a gente também não vai fazer as coisas sem ter o respaldo jurídico.

Eu assumi o Croesp recentemente. A primeira rodada de negociações foi muito positiva, a gente aplicou um reajuste de 10,51%, que é praticamente três por cento acima da inflação, mirando que esses valores correspondessem aos valores reais de abril de 2018. Nós não chegamos antes, não dá para fazer de uma vez: a gente tem que, cada ano - você sabe disso - cada ano você tem revisar aquele orçamento e avançar. E se você quiser avançar muito, você vai, no futuro causar uma tremenda frustração. Você tem que avançar sempre, não avançar muito.

Então, isso tem que ser discutido nos colegiados, nas comissões de orçamento, no Fórum das Seis, que sempre se tem um avanço. A equiparação é um grave problema. O que aconteceu à USP, que foi um dos motivos porque a USP chegou a ter 106% de comprometimento, e foi um dos motivos que gerou a CPI: ela avançou na carreira de técnico administrativo.

Hoje há uma distância de 250 milhões por ano entre a Unesp e a Unicamp, e uma distância de quinhentos milhões por ano entre a Unesp e a USP. Pasqual, vai fazer esse ano? Não vai fazer, não é? Nós não temos nenhuma condição de colocar quinhentos milhões de reais numa folha de quase três bilhões de reais sem que a gente tenha orçamento para isso. Isso ficou congelado. A Unesp parou de fazer essa preparação em 2015, porque ela estava tentando ir atrás.

Então, são oito anos. Não se recuperam oito anos em um ano, seria irresponsabilidade com as outras coisas que a universidade tem que fazer. Mas a gente pretende avançar nisso, tem um grupo de trabalho. A gente pretende, ano a ano, ir corrigindo essa defasagem. Não é uma situação emergencial, mas é uma situação que tem que ser tratada com a devida prioridade.

Agora, o orçamento é uma peça que tem que caber em si mesma. Não espere que esse reitor vá fazer como fizeram outros, que vá consumir toda a reserva financeira para atender demanda de despesa corrente - porque isso já foi feito. Isso quebrou as

universidades, porque as universidades avançaram tanto que começaram a não ter, a se desfazer da sua reserva financeira, ao ponto que a Unesp, em 2018, não tinha reserva para pagar o décimo terceiro.

Então, você tem que ter a reserva para investimento. Por isso que nós não precisamos ter preocupação com investimento: nós temos o claro diagnóstico que as nossas estruturas precisam de muitas melhorias. Mas nós não tínhamos esse diagnóstico. Nós não herdamos uma universidade planejada. O que precisa em Assis? O que precisa em Bauru? O que precisa em Botucatu?

Hoje, nós temos as decisões de todas as congregações: quais são as prioridades, um miniplano diretor. Mas nós não vamos usar isso daí, orçamentariamente, um pouquinho por ano. Nós temos hoje um 1,6 bilhão de reserva, vamos usar seiscentos milhões dessa reserva para fazer isso. Você faz uma vez só. Você destina esse recurso, faz as obras, essas obras têm uma durabilidade enorme.

E não precisa ter, não precisa ter essa reserva; para você ter reserva, ela tem duas finalidades: ou fazer investimentos ou corrigir distúrbios - como foi o pagamento de uma vez só do retroativo, dos três por cento - ou para você ter a reserva, mesmo: você tem que ter segurança de que nunca mais passaremos por crise, pessoas ficarem com risco de não receber salário, décimo terceiro.

Administrar essa reserva é uma das grandes coisas importantes da autonomia universitária. Muitas vezes, os críticos da autonomia universitária olham para a reserva, mas não olham para a execução orçamentária. E não olham que aquela reserva é o que garante que ninguém venha aqui, bater à porta - pode vir bater à porta para pedir 10, 12% de ICMS, mas não pode vir aqui, bater à porta pedir reajuste de orçamento, porque o orçamento já foi aprovado pela Alesp. Nós temos que trabalhar com aquele orçamento.

Essa responsabilidade é muito parecida com o discurso de que se tem que ter responsabilidade fiscal, mas também responsabilidade pelo crescimento e manutenção da universidade. Então, eu já falei que não tenho mais idade para fazer loucura, e não vai ser na minha gestão que a Unesp vai quebrar de novo. Nós faremos todo o possível para atender as demandas dentro do orçamento.

E um assunto extremamente importante: a entrada do marco legal da Ciência e Tecnologia, aprovado em 2012, no governo Dilma, foi o que permitiu essa interação universidade-empresa. Isso é absolutamente comum em outros países; isso ainda é incipiente, mas as universidades, elas são extremamente cautelosas nisso.

Se você pegar o arcabouço que rege isso dentro da inovação da Unesp - não há nenhum risco de influência da empresa na vida da universidade, porque, os nossos próprios colegiados - talvez se lembrem - nossos colegiados foram extremamente rigorosos, dentro das regras e do controle que a nossa agência de inovação tem que ter desse tipo de problema.

E um assunto crucial, também, que foi levantado, foi a questão da pesquisa básica e a pesquisa aplicada. Essa, então, é fundamental, porque se não fosse isso - se não fosse esse preparo, porque às vezes os críticos da ciência... “mas esses caras ficam lá, estudando DNA da mosca drosófila...” A ciência é uma coisa continuada, quer dizer muitas coisas que a gente tem na farmácia, hoje - ou uma máscara - vêm de pesquisa, lá na ponta. A ciência é uma construção. Se nós não tivéssemos uma ciência aplicada tão forte, nós não teríamos conseguido vencer o desafio da Covid. Não teríamos conseguido.

Então, só para se ter uma ideia: eu vou fazer um pouco de propaganda lá da minha unidade, da Faculdade de Medicina de Botucatu. Lá nós temos, em construção, uma fábrica financiada pelo Ministério da Saúde; desde 2017, estamos construindo uma fábrica que tem o seguinte objetivo: se houver uma invenção de uma biomolécula, um anticorpo monoclonal, uma nova molécula com potencial terapêutico, ela vai ser desenvolvida lá.

Vão ser feitos os testes de segurança e eficácia lá, mas onde é que vai ser feito o teste clínico? Nos pacientes. Não, mas quem vai produzir duas mil amostras - que grande empresa, que Butantã, que Fiocruz vai parar sua linha de produção para produzir duas mil amostras para eu fazer um teste clínico? Não temos isso no Brasil. Nós teremos isso apenas em Botucatu. Temos já os recursos até o final da obra: nós temos profissionais sendo contratados, farmacêuticos, biomédicos, pesquisadores.

Mas nós estamos agora atrás do Governo Federal, que eu acho que essa tem que ser uma demanda para a Secretaria de Ciência e Tecnologia, lá do Gadelha, tem sua demanda para o MCTI. Porque eu não vou chegar aqui com um 1,6 bilhão em caixa e pedir para o governador Tarcísio: “preciso de quarenta milhões para ocupar uma fábrica”; agora é um projeto federal, considerado estratégico. Então, agora com a liberação - finalmente - do FNDCT, nós temos que ser hábeis e convencer o Governo Federal de que essa é uma obra de alcance nacional, não é restrita ao Estado de São Paulo.

Estamos enxergando, no Butantã, na Fiocruz, grandes parceiros para trabalhar, com eles e para eles. Então, eu estou falando assim, mas isso é possível naquilo que a gente chama ciência translacional. Aquilo que a Beth falou, que vem lá do básico e te dá

condição de fazer a aplicada. Porque esse discurso, que essa pesquisa que a universidade faz não interessa a ninguém, infelizmente, foi com a pandemia... Mas a pandemia provou o contrário, provou exatamente o contrário. A ciência está em foco, não resta essa nenhuma dúvida disso.

Eu não sei se respondi todas as perguntas da professora Bebel, não sei se respondi.

**A SRA. PROFESSORA BEBEL - PT - (Inaudível.)**

**O SR. PASQUAL BARRETTI** - Pode ter impacto. Agora, você fala agora, que eu vi aqui que eu escrevi e não tinha entendido. Nós temos enorme preocupação, fará pauta da nossa conversa com o governador Rodrigo, com o governador Tarcísio, porque não... é um pouco ingênuo você imaginar que a educação como um todo vai ter diminuição de recursos e um setor ficará preservado. Ele só ficará preservado se, concomitantemente, a gente aprovar um dispositivo constitucional em que ele está preservado.

A universidade consegue sobreviver com boa gestão, por um bom tempo, como ela está hoje; mas ela não consegue sobreviver com redução de recursos. Principalmente porque cabe a ela o pagamento da folha de inativos - que não é boa parte, é uma grande parte. Nós estamos falando, hoje, de quase 40% da folha.

Guilherme, rapidinho: você falou do prédio de Franca. Não há uma solução fácil: ficou com a Secretaria de Desenvolvimento Regional, não foi feita vistoria quando da cessão de uso. Portanto, o governo anterior não assumiu que deveria entregar aquilo reformado. Lá em Franca, ninguém quer aquilo ali. Hoje, um posicionamento do Tribunal de Justiça, de fazer o fórum lá - se gasta um 1,2 milhão por ano de aluguel do fórum, mas o diretor do fórum não quis - e aí continuamos estudando, juntamente com o secretário da Ciência e Tecnologia uma saída para aquele prédio. Está no nosso radar.

Nós estamos gastando um milhão por ano com segurança e manutenção daquele prédio. Isso, a Unesp: não a unidade de Franca. Esses equipamentos pequenos todos, que você vai lá, está quebrado, para tudo isso aí tem programa. Porque, exatamente, aconteceu, a reitoria não tem controle, por que de cinquenta mil não foi consertado; já consertamos equipamento de duzentos, trezentos, de um milhão.

Agora eu acho importante - os diretores sabem disso - eu falar isso. Eu falo isso desde que eu era diretor. Eu era diretor, no tempo da medicina, no tempo da CPI. As unidades universitárias, para elas terem mais autonomia - as unidades Bauru, Medicina -

elas têm que ter um custeio melhor. E eu tenho certeza que os diretores estão antenados nisso, porque eles tendo custeio, eles fazem com que a vida da universidade seja mais ágil. Concentrar mais poder na mão da reitoria torna as coisas menos ágeis.

Claro que tudo tem limite: nós não vamos fazer uma obra de cinco milhões de reais, não passamos cinco milhões lá para o para CIS; nós vamos fazer juntos. Mas as pequenas coisas... Eu acho que as unidades universitárias têm equipe, hoje, suficiente para poder tocar isso. Havia travas dentro do nosso sistema de engenharia, que a gente está avançando para que isso não aconteça.

Posso ter esquecido alguma coisa, porque eu escrevi mais rápido. Eu não conheço, que eu tive que correr. E as perguntas...

**O SR. GUILHERME CORTEZ - PSOL** - Eu só tinha perguntado a mais sobre o ICT de São José, o prédio da Engenharia...

**O SR. PASQUAL BARRETTI** - Primeiro, vamos ser justos que aquilo lá... Eles estavam alojados numa situação... Primeiro, não existe um projeto. Existe um terreno enorme ali, na frente do prédio. Só que tem uma discussão interna. Por exemplo, eu sou contra mandar a Odontologia para lá, pessoalmente. Acho que a Odonto tem um prédio maravilhoso, as clínicas foram totalmente recuperadas durante a pandemia, é mais fácil para os pacientes. Agora, você construir um prédio em um terreno daqueles para um curso só... É uma coisa que tem que pensar.

Quando a gente assumiu a gestão, nós visitamos a unidade, e ela estava, as salas docentes estavam em situação bastante precária. Não dava para ficar quatro docentes numa sala durante a pandemia. O que a gente alugou agora é um espaço, uma sala para cada docente: aluguel ridiculamente barato - você imagina, um local em que cabem vinte salas está sendo alugado por quatro mil reais por mês.

Então, é a solução de momento para dar condições mais dignas para os docentes da Engenharia Ambiental. O convívio dos alunos com o parque tecnológico não é uma coisa ruim: o Ieamar é um Instituto de Estudos Avançados do Mar está lá também. Agora, existem projetos. Está no nosso radar começar a atuar naquele terreno - inicialmente, ainda no parque, mas tentar construir uma coisa que a gente chama de laboratório do futuro.

Seria uma primeira ocupação daqueles prédios - futuramente com Engenharia, para não fazer um curso - seria um ambulatorio de alta tecnologia, com robótica, com equipamentos mais avançados, multiusuário, que servissem à Unesp. E já conseguimos a emenda parlamentar da bancada paulista, no ano passado, de oito milhões, impositivo, foi para isso.

Então, a gente pretende, todo ano, correr atrás desses recursos. E pode parecer loucura: Pasqual, você foi atrás de oito milhões, você tem um 1,6 bilhão em caixa. Nós temos 34 unidades; percebe que você destinar um valor para uma unidade só seria como se um deputado pegasse toda a cota dele de emenda e falasse: “eu vou dar só para a Santa Casa de São Paulo”, entendeu? Não é possível. Você tem que atender as pessoas que demandam, e as demandas em geral.

A gente tem que ser justo, porque as demandas que a gente recebe são as demandas totalmente justas, e a gente precisa ter o equilíbrio de caminhar sempre - não parar de caminhar e, preferencialmente, não retroceder, porque você retroceder um ano na universidade não é um ano, são cinco anos no mínimo. Então, não sei se eu respondi, não sei se eu estou muito eufórico de estar aqui com vocês, mas agradeço muito o interesse e a participação de vocês. Tudo de bom.

**A SRA.** - Tudo de bom. Vou fazer uma...

**O SR. PASQUAL BARRETTI** - Mais alguém queria comentar alguma coisa? Não sei se eu estou já antirregimental. Espero ter esclarecido. Deixo a cópia da apresentação com vocês, só peço a quem está com meu pen drive devolver - está em boas mãos, então - e obrigado. Bragato é uma referência lá na unidade de Presidente Prudente.

**O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB** - Fui aluno como ele: fui aluno da Unesp, fui bolsista da Fapesp e estou aqui, agora. Eu queria, então agradecer a presença do Sr. Reitor. Dizer que foi uma fala bastante concisa, bastante preparada.

E quero dizer, senhores deputados, que a reunião está encerrada. Uma boa tarde a todos.

\* \* \*

- Encerra-se a reunião.

\* \* \*